

EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO

Não é objecto comum, este livro de Onésimo Teotónio de Almeida que hoje temos o gosto de premiar. O domínio da História da Ciência não tem sido alvo de muita investigação entre nós, sobretudo quando não provém de cientistas puros e duros (gente das “ciências duras”) nem de historiadores “tout court”, e nele se entrecruzam – como acontece neste livro – perspectivas diferentes, sob o olhar de alguém que é, acima de tudo, um ensaísta, ou seja, alguém que não tem medo de pensar pela sua própria cabeça, sem que esse pensar seja simplesmente e só especulação, mas deixando que a margem de loucura que há sempre nesse pensar nele se possa infiltrar, atingindo uma zona de equilíbrio muito própria de pensadores como Onésimo – um equilíbrio que vive desse apelo especulativo, claro que sim, que precisa dessa chama para poder brilhar e é por isso novo, singular, original, mas que ao mesmo tempo se apoia em dados de uma pesquisa sólida e directa, de quem leu e releu e foi às fontes e sabe onde põe os pés quando arrisca pisar caminhos novos.

Este *Século dos Prodígios* aborda, de um modo multifacetado, um período histórico entre os séculos XV e XVI em que a Ciência se desenvolveu a partir de descobertas em que os portugueses terão desempenhado um papel menos glorioso do que os historiadores nacionalistas pretendem fazer crer, mas provavelmente mais importante do que em geral é hoje reconhecido pelo mundo fora.

Nesse aspecto, um livro como este possui o mérito suplementar de nos oferecer uma perspectiva obviamente pessoal, mas o mais isenta possível desses erros de paralaxe que tantas vezes condicionam o discurso das Humanidades. Talvez o facto de Onésimo ser, de certo modo, um “estrangeirado” (se é que este conceito ainda faz sentido num século global) contribua para lhe dar essa visão ampla e não sectária de matérias suficientemente longínquas para que em certos casos o espírito nacionalista nos possa atraiçoar, sem que isso seja aliás grave pecado.

Sem proceder aqui uma leitura da obra premiada, adiantarei apenas que no século XVI assistimos a um equilíbrio científico moderno – que viria a desabrochar mais claramente nos séculos XVII e XVIII – sem por isso recusar liminarmente as heranças do passado. Garcia de Orta, Pedro Nunes, Duarte Pacheco Pereira, Francisco Sanches ou D. João de Castro exemplificam bem este período histórico de abertura de espírito, na esteira de uma abertura de horizontes que as viagens dos portugueses (mas também dos espanhóis e de outros) terão proporcionado – e é facilmente admissível que o contacto directo com outros continentes e com outros mares, com outros animais e com outras plantas, com outros povos e com outros costumes, tenham acelerado um conhecimento que nas Ciências ditas da Natureza precisa da observação empírica para ser validado. O que vai acontecer ao longo deste “século dos prodígios” consiste no progressivo florescimento de uma posição cada vez mais “científica”, digamos assim, apoiada na observação dos fenómenos e na verificação cada vez mais rigorosa dos dados que a experimentação podia fornecer. E hoje, à distância de 500 anos, a verdade é que nos continua a seduzir aquela curiosidade de ir mais longe no conhecimento de um mundo que pela primeira vez alguns humanos foram capazes de ver, se não com os olhos, totalmente novos (a herança clássica era ainda mais pesada), pelo menos com olhos mais aptos a essa visão binocular que nos permite uma visão tridimensional da realidade.

Curiosamente, premiámos há um ano aqui, na Casa de Mateus, um livro de ensaios de Helder Macedo em que Camões desempenha um papel central, e também hoje Camões está presente no Prémio D. Diniz, já que um dos textos aqui reunidos nos procura mostrar (e quando a mim com êxito) o modo como nos *Lusíadas* (mais precisamente no seu Canto V) se reflecte já com nitidez uma mentalidade cientificamente mais aberta aos dados da experiência.

Camões viajou, conheceu gente de muitas latitudes e de muitas vontades, e o ensaio que Onésimo lhe dedica demonstra até que ponto esse amplo conhecimento se nos mostra na epopeia. E se me permitem um parêntesis, também na *Lírica* do mesmo Camões o valor da experiência sobressai, neste caso a um nível emocional, como se de facto só ela, essa experiência, servisse como prova irrefutável para legitimar com um selo existencial os amores, desamores e outros padecimentos do corpo ou da alma que o perseguiram: “Não são isto que falo conjecturas / Que o pensamento julga na aparência, / Por fazer delicadas escrituras. // Metida tenho a mão na consciência, / E não falo senão verdades puras / Que me ensinou a viva experiência.”

Estamos, entre hoje e os próximos dias, em pleno Equinócio de Outono, nesse momento da translação terrestre em que dias e noites são iguais em todo o planeta – e eu tenho aqui falado em equilíbrio. Digamos que o equilíbrio do século XVI simboliza, de certo modo, o conflito entre o apelo de uma curiosidade espantada com o mundo – por ele ser tão grande e tão estranho e nos surpreender tanto – e, por outro lado, o lastro de muitos séculos em que esse mundo cabia nos preceitos de uma religião dogmática. Mas equilíbrio também quanto à atitude ensaísta do autor deste livro – um equilíbrio dinâmico, instável, vibrante, entre a sedução do desconhecido e a vontade de o ler e decifrar, num processo auto-regenerativo em que muitas vezes – tal como, por exemplo, na Psicanálise – o que mais interessa são as zonas de resistência – como se fosse a resistência ao conhecimento a única a gerar, ela própria, mais conhecimento.

E a propósito de conhecimento, terminarei sublinhando que uma das maiores e sempre actuais lições que podemos retirar deste volume de Onésimo Teotónio de Almeida consiste na profunda ligação entre experiência e conhecimento. A primeira, por si só, não implica o segundo: podemos ser muito experientes de alguma coisa ou matéria deste mundo e não sabermos construir com tal experiência um conhecimento real ou científico, que saia da nossa pequena bolha pessoal e sirva a outros humanos na sua procura de uma verdade para lá do olhar subjectivo de cada pessoa. Mas o conhecimento precisa da experiência, ou seja, qualquer conhecimento (nas Ciências do Mundo e da Vida, mas também nas Artes ou nas Letras) necessita de uma experiência que o sustente, que o baseie, que lhe dê a espessura ou a densidade necessária para ser mais do que especulação, fantasia, alucinação. Por outras palavras, experimentar nem sempre nos leva a conhecer, mas para conhecer, conhecer bem (seja lá o que isso for), é necessário experimentar. Um livro como este possui o condão de nos fazer sentir e perceber ambas as coisas. Parabéns, Onésimo!